
Jornalismo: Um Estudo Com Jornalistas De Curitiba a Respeito Da Imparcialidade Na Área Esportiva

Alysson Leal MOURA²

Jeferson FERRO³

Centro Universitário Internacional Uninter - Curitiba PR

Resumo

A presente pesquisa busca fazer uma análise sobre como a questão da imparcialidade é tratada no jornalismo esportivo em Curitiba. O futebol é considerado o meio esportivo que mais gera audiência dentro dos veículos de comunicação, por esse fato, o esporte é tratado como foco principal desta pesquisa. Muitos torcedores e populares se perguntam: qual o problema de os jornalistas da área esportiva esconderem o time do coração? Não só populares, mas também os futuros jornalistas. A pesquisa de campo foi realizada com 4 jornalistas do setor esportivo de Curitiba, através de um questionário aberto de 5 perguntas. Os resultados da pesquisa foram apontados a partir de uma análise das respostas a estas perguntas.

Palavras-chave

Imparcialidade; Jornalismo; Futebol; Clubes.

1. Introdução

O Jornalismo Esportivo tem se mostrado cada vez mais requisitado com o passar dos anos, profissão que antes era visto com desdém por profissionais da comunicação considerados sérios, hoje aceitam sem tantas contravenções os companheiros de profissão. É comum nos ambientes acadêmicos, alunos dos cursos de comunicação social, mostrar interesse em seguir carreira jornalística acompanhando os grandes astros do futebol, e uma coisa é perceptível, para se falar de futebol tem que gostar de futebol.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior - XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Graduando do Curso de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo do Centro Universitário UNINTER. Email: alyssonmoura16@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Centro Universitário UNINTER, Mestre em literatura pela UFPR e Doutorando em comunicação pela UTP.

Porém, se aquele aluno que escolheu seguir carreira jornalística no esporte gosta de futebol, logo ele viu futebol, logo ele torceu por alguma equipe, portanto ele torce ou não para algum clube de futebol?

Essa é uma questão que já vem sendo debatida há algum tempo nos meios de comunicação esportivo, mas não existem pesquisas ou dados que se aprofundam no tema. Temos exemplos de jornalistas que expõem abertamente o “clube do coração”, e aqueles que preferem manter segredo, por questões pessoais ou por receio da integridade do jornalista ser colocada em dúvida. Em 2017, dois casos na área do futebol chamaram a atenção no Brasil, envolvendo dois repórteres que fazem cobertura esportiva dos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo, Eric Faria da Rede Globo de televisão (RJ) e Felipe Garrafa da rádio Bandeirantes (SP). Ambos tiveram a imparcialidade colocada em questão durante os jogos do campeonato brasileiro e da Copa do Brasil.

Estes dois casos trazem à tona novamente perguntas como: Jornalistas da área esportiva são imparciais? Há como conciliar paixão e trabalho no futebol? A imprensa é tendenciosa para certos clubes? Jornalistas devem ou não manter sigilo sobre preferência por clubes? Lembrando que existem jornalistas na mídia como há também ex-jogadores e palpiteiros, estes não se incluem no quadro de pesquisa. Embasado nessas indagações, a presente pesquisa busca ir a campo entrevistar jornalistas da área esportiva em Curitiba, para coletar informações sobre a opinião dos mesmos em relação à imparcialidade no jornalismo esportivo, especificamente tratando o futebol como principal exemplo. Com base nos casos que ocorreram em 2017 envolvendo profissionais da mídia esportiva, o jornalista que atua no futebol deve manter em sigilo sua preferência por algum clube específico, visando a integridade da imparcialidade jornalística? Qual a opinião dos jornalistas da área em Curitiba?

O jornalismo em si trata imparcialidade como grande recurso para manter a integridade e equilíbrio entre classes, apesar de que o jornalismo na história já passou por momentos em que a informação só prevalecia para a elite social, como também serviu em outro período como viés para a luta de classes. Atualmente se o jornal é imparcial, ele detém mais credibilidade por trazer a notícia dos dois lados, entretanto é impossível se chegar à imparcialidade total, no momento em que escolhemos um tema para se tratar e deixamos outro assunto de lado já estamos sendo parcial, ou quando deixamos de ouvir determinada fonte e preferimos uma “fonte oficial”. No futebol esse tema pode parecer mais visível, pois tem uma variação de informações sobre determinados clubes, todavia os jornais normalmente designam a função do jornalista de se dedicar unicamente em apenas um clube, alguns casos

são exceção. Essa aproximação entre clube e jornalista pode gerar dúvidas no receptor quanto a confiabilidade da informação, situação que não convém a tal profissão. Para evitar estes questionamentos, esta pesquisa busca solucionar esses problemas de falta de confiança na notícia.

Como todo ambiente de pesquisa, aqui também há hipóteses a serem levantadas. É possível que durante o levantamento de dados, as opiniões dos entrevistados não compactuem com os mesmos, e com as teorias do jornalista Heródoto Barbeiro, fonte de pesquisa para o tema. Com relação a web, imagina-se que devido a grande facilidade de se obter informação, para o jornalista de esportes é mais difícil manter sigilo ou imparcialidade sem que terceiros questionem ou insultem nas redes sociais. Levy (2007) explica que a virtualização pode ser tratada como uma passagem do real ao virtual, ou seja, uma extensão de nós mesmos em um novo ambiente. Logo no futebol essa migração também acontece, os torcedores invadem a web e junto com eles vai o fanatismo, e por isso o jornalista mesmo estando em uma rede social pessoal, deve tomar cuidado com postagens e comentários publicados, há uma grande possibilidade de existir “seguidores” infiltrados para descobrir gostos e preferências do profissional.

E uma das hipóteses mais preocupantes é o fato dos jornalistas de futebol não assumirem preferência por clubes, mediante a violência que podem sofrer. O futebol é um esporte apaixonante que move multidões para os estádios, a emoção é um ingrediente da fama que o futebol detém, o problema é que essa emoção atrelada a violência pode gerar resultados negativos. A agressão dentro e fora de campo ainda é uma realidade, no Brasil a rivalidade ultrapassa os limites da diversão, em dia de clássicos é comum ver briga entre torcedores que em algumas vezes podem levar até a morte. Outra realidade são as penas estipuladas aos clubes, muitas vezes é paga apenas uma quantia em dinheiro e um ou dois jogos de suspensão. Esse tipo de punição é muito pouco para um país que se classifica como “o país do futebol”, são necessários julgamentos mais sérios e com penalidades exemplares, para que a violência de uma vez por todas seja extinguida do futebol, assim o clube não será prejudicado e cada vez mais pessoas poderão frequentar os estádios como ambiente de lazer, motivo que também fará com que os jornalistas trabalhem mais tranquilos e seguros.

Em resumo, o presente artigo tem como objetivo principal coletar, analisar e mensurar informações que apontem se é ou não positivo omitir preferências por clubes. Com base nos dados sobre o ponto de vista do pesquisador, por meio de entrevistas e pesquisas com jornalistas de Curitiba. Dentre os objetivos específicos estão: buscar entender qual o

fundamento da imparcialidade jornalística no futebol e analisar o discurso de jornalistas esportivos de Curitiba, em relação ao princípio da imparcialidade jornalística no futebol brasileiro.

O futebol é uma paixão nacional, e qual torcedor não gosta de receber informações sobre o clube pelo qual torce? Então cabe ao jornalista buscar a transparência necessária para trazer as notícias do clube, sem causar estranhamento ou parecer parcial a alguma das partes. Isso gera discussões no meio futebolístico, pois alguns jornalistas não escondem preferência por clubes, já outros preferem manter o anonimato. Para alguns torcedores, omitir informação não passa credibilidade, e muitos se perguntam por que jornalistas tendem a não demonstrar preferência por times de futebol? Já para o jornalista, a situação é contrária, dizer para qual time torce não agrega em nada, é uma informação irrelevante. Portanto a presente pesquisa tem valor social e profissional, buscando analisar qual a melhor maneira para que o jornalista não tenha sua credibilidade atingida pelo fato de torcer ou não para determinado clube, e que para o torcedor não tenha dúvidas quanto às informações recebidas, existindo transparência e compromisso com a notícia.

A metodologia utilizada consiste na entrevista de fontes que possam agregar informações importantes para a pesquisa. Entrevista é o ato de buscar informações com pessoas, com o fim de responder questões ou apontamentos sobre determinado tema. Um bom entrevistador antes de tudo deve conhecer o entrevistado e se preparar, fazendo perguntas pertinentes ao tema. Na primeira fase da análise é entrevistado 4 jornalistas esportivos de Curitiba, esses jornalistas se limitam em Curitiba pelo fato da pesquisa ser regional, e também pela praticidade nas entrevistas, que serão pessoalmente ou via e-mail, dependerá da disponibilidade do entrevistado.

Um dos entrevistados é o jornalista e comentarista da RPC Cristian Toledo, Toledo tem passagens por emissoras de TV, jornais impressos e também por portais de notícias, sempre atuando no esporte. Cristian hoje passou a ser uma figura pública devido as constantes aparições em jogos televisivos e nos telejornais. Ele é um dos entrevistados devido a sua bagagem cultural e profissional no esporte, com toda a experiência vivida nos estádio e ginásios, Toledo passa ser uma fonte com grande valor teórico e prático para esta pesquisa. Aos entrevistados, será aplicado um questionário fechado, com três perguntas objetivas relacionadas ao tema da pesquisa, imparcialidade no jornalismo esportivo.

Na segunda fase da pesquisa, é analisado e mensurado os dados coletados com os entrevistados, a metodologia utilizada para analisar os números é a pesquisa qualitativa. A

pesquisa qualitativa não foca só em números estatísticos como a pesquisa quantitativa, ela pretende ir mais a fundo no ponto de vista dos entrevistados, abrindo a possibilidade de um campo de estudo mais amplo, para que a pesquisa tenha mais liberdade, não se limitando há apenas números, e também possibilitando novas pesquisas partindo deste estudo.

O jornalismo Esportivo

O jornalista tem como objetivo máximo relatar fatos e histórias relevantes para sociedade. Análise, checagem e revisão são fatores determinantes para a construção de uma produção jornalística. Mas alguns podem até pensar que o trabalho não é tão difícil, se engana redondamente quem pensa assim, “jornalismo é jornalismo, seja ele desportivo, político, econômico ou social” (BARBEIRO e RANGEL, 2006). O trabalho é árduo para levar o melhor da notícia aos receptores.

No jornalismo esportivo não é diferente, o trabalho é o mesmo, para cumprir a missão de levar a notícia, esta, num campo de trabalho muito mais cauteloso. Atualmente o jornalismo esportivo é mais descontraído, deixou aquela armadura da formalidade, um exemplo bem próximo é o noticiário esportivo da hora do almoço na Rede Globo, o Globo Esporte. Em 1978, o programa nacional era comandado pelo jornalista Léo Baptista, em uma bancada, com uma vestimenta formal e textos lidos no teleprompter⁴, parecendo assim um “telejornal do esporte”.

Hoje a atração é totalmente diferente, o apresentador tem liberdade para percorrer pelo cenário, o texto é mais coloquial e até algumas falas podem ser de improviso do apresentador (CORSETTI, 2010).

Se o jornalismo esportivo hoje se encontra neste ambiente informal de acordo com Corsseti, teria ele perdido parte da credibilidade informativa e migrado para o entretenimento? Pierre Bourdieu (2007) em sua obra, critica o tempo disponibilizado aos esportes dentro dos telejornais. Segundo ele na visão sociológica, os esportes se encaixariam nos fatos *omnibus*, que são aquelas notícias que não tem um apelo social, educativo, econômico, relevante e não promovem discussões ou discursos saudáveis. “Os fatos-ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém” (BOURDIEU, 2007, p.23), mas o jornalismo esportivo dentro deste panorama informal, passa a ser um fato ou uma profissão mais leve? Para Barbeiro não:

⁴ Equipamento utilizado na TV, para leitura do texto. Muito utilizado em telejornais e programas informativos

Dito isso, ressaltamos que trabalhar com jornalismo esportivo tem suas especificidades. Ele se confunde, frequentemente, com puro entretenimento. Isto, por seu lado, propicia o aparecimento de alguns poucos “coroados” e o envolvimento com outras atividades incompatíveis com a prática do jornalismo, como agenciamento de publicidade, marketing e política privada dos clubes, federações, confederações em empresas (BARBEIRO e RANGEL, p. 108, 2012).

Dentro deste contexto de informalidade, a procura pela profissão de jornalista esportivo tem crescido cada vez mais, por jovens estudantes da área que sonham em acompanhar os vários eventos esportivos, no Brasil em especial o futebol, pois o ambiente desportivo parece ser mais adaptável e dá a sensação de “trabalho e diversão”. Entretanto, jornalismo é muito abrangente, não há só como cobrir apenas uma área. “Ai de quem for apaixonado por futebol e entrar na redação pensando que irá escrever só sobre futebol” (COELHO VINICIUS. Paulo, 2013, p.36). Por ser o esporte mais popular, o futebol será objeto de estudo nesta pesquisa. No futebol é recorrente ver torcidas que realmente são apaixonadas e vivem o futebol, mas e o jornalista? Ele também pode torcer? O que é certo? Imparcialidade?

A imparcialidade continua sendo o Norte para jornalistas, e algumas redações insistem em se dizer imparciais até hoje apesar de atualmente a crítica ser constante em cima dessa questão, devido a linha editorial que o jornal, redação ou TV segue. Ainda que o discurso objetivo imparcial tenha se desgastado com a evolução do jornalismo, o ponto de partida da informação continua a ser universal, naquele que não “tenta” pender para determinado ponto ou lado da notícia (MIGUEL e BIROLI, 2010). Ainda segundo os autores Miguel e Biroli, o equilíbrio produzido entre variáveis vozes pertinentes nos periódicos estão relacionados aos interesses financeiros, políticos e religiosos, forjando um conhecimento que se apresenta como imparcial.

O profissional do jornalismo esportivo é conhecido por trazer comunicados normalmente de clubes, eventos esportivos e até notícias extracampo. Isso faz com que o profissional permaneça mais tempo se envolvendo com atletas, comissões, dirigentes de clubes, federações e agremiações esportivas, isso pode causar um estranhamento por parte do receptor da mensagem, colocando em prova a parcialidade do jornalista. Genro Filho (2012) questiona as notícias dentro do jornalismo, na qual ele acredita que a imparcialidade some devido a subjetividade jornalística, que inconscientemente interfere diretamente no texto do redator, seja devido a bagagem cultural ou por linha editorial do veículo de comunicação. Para ele o valor da informação se transforma em moeda de troca quando o jornalismo se torna

vendável em si, com objetivo puramente mercantil. Mas para falarmos sobre parcialidade ou imparcialidade no meio esportivo antes precisamos entender quais as funções de um jornalista esportivo.

Ao jornalista esportivo compete a função de informar o receptor, fatos que estejam relacionados ao exercício de determinada modalidade, tomemos o futebol novamente como exemplo. Dentro do futebol há os chamados setoristas, que são os repórteres que acompanham o dia a dia dos clubes futebolísticos, segundo o Manual do jornalismo esportivo de Barbeiro e Rangel (2012), o jornalista deve estar atento a todas as informações possíveis até mesmo o que não seja futebol. Ainda seguindo o manual, dentro dos centros de treinamento é preciso inovar na hora de produzir as reportagens, sair da mesmice, buscar novidades, fatos inusitados sobre tal jogador, técnico ou um personagem que possa dar um tom de originalidade para a matéria. Na hora das entrevistas, normalmente após os jogos, procurar ser coeso e objetivo nos questionamentos, como o próprio autor cita: “Dizem que o jogador fala sempre a mesma coisa. Não será porque as perguntas são sempre as mesmas?” (BARBEIRO e RANGEL, 2012, p.36).

Outro ponto levantado pelos autores Barbeiro e Rangel é a emoção, como ambos descrevem não existe prática de um bom jornalismo sem a emoção, mas ela não se mistura com a falta de compromisso com a verdade.

Não é recomendável abrir as comportas da emoção mesmo que a seleção brasileira de futebol vença a Argentina numa final de Copa do Mundo. Isso pode comprometer o seu trabalho jornalístico (...). Quem torce modifica, altera, distorce. O torcedor tem o direito de torcer e distorcer à vontade. O jornalista não pode fazer nem uma coisa nem outra. (BARBEIRO e RANGEL, 2012, p.46 e 47).

O jornalista por estar mais próximo do público se sente mais coagido pelo momento de euforia por um grande jogo, uma grande competição, inflamado por torcedores. Cabe ao mesmo manter a ética e ser profissional, sem coibir com o cenário de festa, ele está ali cumprindo com o seu trabalho. Para quem atua na cobertura esportiva, a emoção é a mesma, porém, dentro de alguns meios de comunicação existem algumas diferenças na formatação do trabalho, é o caso do rádio e TV no jornalismo desportivo. Seja no campo ou na quadra, o jornalista esportivo precisa estar atento a tudo que acontece ao seu redor, para os profissionais do rádio é preciso uma gama de conhecimento em detalhes, muito mais do que o jornalista que produz para TV, pois no rádio, o jornalista é os olhos, os ouvidos e a voz do torcedor.

Para produzir uma reportagem bem elaborada é preciso dados, pesquisas sobre os jogadores, últimos confrontos, números de vitórias, derrotas, empates e curiosidades que possam chamar a atenção do torcedor, tudo isso faz com que as transmissões se tornem mais agradáveis aos ouvintes (BARBEIRO e LIMA, 2003).

Também são essenciais alguns cuidados no rádio, como a linguagem utilizada. Uma das diferenças entre rádio e TV é o improviso do repórter, mas isso não é desculpa para erros e deslizes durante entrevistas e transmissões, conforme Barbeiro e Lima (2003). Outro ponto levantado pelos autores é a pronúncia, algo que exige muito cuidado no rádio, para que repórter, locutor e comentarista não destoem durante a transmissão, além é claro do risco do microfone aberto próximo de torcedores, que pode captar sons indevidos como palavrões e xingamentos.

A cobertura jornalística da TV não foge muito aos outros meios, a diferença é que o jornalista tem o auxílio das imagens, entretanto, o mesmo não pode se deslumbrar das figuras da transmissão e esquecer da informação. Nos chamados links ao vivo, o repórter deve estar mais preparado do que nunca, com perguntas e o texto memorizado, improvisar na TV é um curto caminho para um revés jornalístico (BARBEIRO e LIMA, 2002, p. 109). Assim como no rádio, o jornalista deve estar sempre com o regulamento do campeonato consigo, além disso, é bom utilizar os recursos da TV antes de tirar conclusões precipitadas. Para jornalistas que migram do rádio para TV, é preciso tomar alguns cuidados em relação as imagens, no rádio o jornalista é responsável por detalhar tudo que está acontecendo, na TV as câmeras capturam informações que o repórter não necessariamente precise destacar. E para finalizar como em qualquer outra área do jornalismo, é preciso respeitar os limites da ética em busca da notícia (BARBEIRO e LIMA, 2002).

Desenvolvimento da pesquisa

Na pesquisa de campo, buscou-se respostas as quais fazem parte do desenvolvimento deste trabalho científico. A coleta de dados aconteceu por meio de entrevistas com jornalistas que atuam na área esportiva em Curitiba, especificamente falando sobre o futebol. Foram entrevistados quatro jornalistas, três deles com graduação em comunicação social e um deles tendo o título de jornalista por tempo de trabalho em jornais e rádios. Cristian Toledo, Ayrton Baptista, Monique Vilela e Jairo Júnior. Cristian é chefe da redação de esportes no jornal Tribuna do Paraná e comentarista na RPCTV. Monique é repórter setorista do Atlético Paranaense na Rádio Banda B. Jairo Júnior é repórter setorista do Coritiba na rádio Transamérica e Ayrton Baptista é radialista pela CBN Curitiba e blogueiro do Site

Globo Esporte. A pesquisa com os jornalistas ocorreu entre os dias 25 de outubro e 12 de novembro. O questionário é aberto e utiliza método de pesquisa qualitativa das informações.

Na primeira questão levantada, os entrevistados têm opiniões parecidas, porém mudam o discurso com relação aos temas. Para Jairo, Monique e Ayrton a questão não é um tabu, Monique explica que é um fato que não tem como desenvolver em sua totalidade. Cristian diz que a imparcialidade não deveria, mas é um tabu e gera discussões. Com relação a torcer para um time, Ayrton, Cristian e Jairo dizem que o melhor é não demonstrar publicamente, eles afirmam que essa informação é irrelevante para o trabalho. Monique não vê problemas em admitir preferência por clubes, mas explica que o futebol paranaense é reticente e rígido ao tema, por isso os jornalistas preferem manter sigilo.

Com relação a imparcialidade na web há um consenso entre os jornalistas, todos os entrevistados acreditam que a internet não influencia na forma como o jornalista deve trabalhar. Nas diferentes plataformas a informação do lado A e lado B não muda, o que muda é o formato do texto apresentado, o jornalista deve se manter imparcial de qualquer forma. O jornalista Ayrton Baptista ainda ressalta que a web quando utilizada para feedback e troca de ideias entre emissor e receptor, é uma vantagem na realização do trabalho.

Quem emite opinião sobre um assunto tão apaixonante está sempre “condenado” a ouvir ofensas segundo Baptista. Dos 4 entrevistados apenas Monique diz não ter sofrido nenhum tipo de questionamento de terceiros sobre seu trabalho, Cristian, Ayrton e Jairo relatam que já sofreram com insultos e agressões verbais, e esse tipo de represália acontece frequentemente. “Isso é muito comum para quem trabalha com futebol, as pessoas acham que no futebol pode tudo, pode xingar, pode ameaçar, pode ofender, pode agredir e até matar, descreveu Jairo Júnior.

Comparando o texto de Heródoto Barbeiro com a máxima do regionalismo esportivo, os 4 jornalistas acreditam que não há problema em torcer para as equipes locais. As respostas ressaltam a importância que o trabalho do jornalista ganha, quando times locais conseguem entrar em grandes competições e conquistar títulos. Porém o mesmo não pode se “cegar” da informação e omitir o que é certo. É minha obrigação, enquanto jornalista, reportar algo que estou vendo, mesmo que isso vá na contramão ao meu desejo ou de meu ouvinte, confirmou o jornalista Jairo. Agora quando o veículo tem circulação nacional, não é correto dar destaque apenas para os clubes de maior torcida ou que tenham mais influência, essa massificação de informação unilateral causa constrangimento e desvalorização nos torcedores de outras equipes.

Há uma questão levantada por torcedores com relação aos clubes do chamado eixo Rio São Paulo, para eles os noticiários esportivos dão mais relevância para as equipes dessas cidades, causando uma percepção que a notícia é parcial. Para os jornalistas entrevistados não é questão de parcialidade, existe, mas nesse caso não é. Há um tempo maior de exposição para esses clubes, pois o corporativismo e a publicidade regem boa parte do conteúdo. Times de maior torcida e expressividade nacional tendem a serem mais atrativos para o comércio e o nível de audiência de determinado veículo de comunicação. A cobertura esportiva atualmente é dependente da publicidade, pois acompanhar futebol tem alta geração de custos. Não é certo, porém isso não vai mudar, confirmou Cristian Toledo.

Conclusão

Através das entrevistas e do embasamento teórico, conclui-se que: os tempos passam, mas as antigas práticas do jornalismo – pelo menos em teoria – continuam as mesmas. A objetividade continua sendo o Norte para os jornalistas, como diz Genro Filho (2012). Dos entrevistados, todos mantêm esse mesmo direcionamento no exercício da função, a parcialidade não existe, a partir do momento em que o jornalista direciona ou escolhe determinada fonte ele já está sendo subjetivo. Para quem trabalha no jornalismo esportivo é preciso tomar mais cuidados com relação a qual informação está sendo passada. Como alguns jornalistas da pesquisa relataram, quem trabalha com futebol está destinado a sofrer críticas, pelo fato de ser um esporte em que a emoção fala mais alto que a razão. Deste modo o resultado desta pesquisa conforme as entrevistas e opiniões dos jornalistas, por questões éticas e de segurança, o melhor é manter em sigilo as preferências por determinados clubes de futebol.

Outro ponto levantado nesta pesquisa é com relação a integridade física dos repórteres desportivos, os mesmos passam muito mais tempo em contato com jogadores e comissões técnicas, e como o jornalista Jairo Júnior disse, as pessoas acham que no futebol pode tudo, e as penas não são severas como deveriam. Por esse receio de repressão, a hipótese dos jornalistas não demonstrarem seus clubes do coração por medo da violência se confirma. Infelizmente ainda há muito que se fazer para o futebol – pelo menos no Brasil – se tornar algo exemplar, um esporte que possa levar todo tipo de público aos estádios, sem receio de passar por uma briga ou discussão - e sim - são necessárias penas mais duras contra torcedores travestidos de vândalos que usam o futebol como argumento para promoverem a violência.

Com relação a web, as entrevistas concluíram que o fato de se ter mais liberdade de expressão e maior campo de acesso a informação não atinge diretamente o trabalho do jornalista, o mesmo consegue exercer a imparcialidade independentemente da plataforma. O que acontece é que o trabalho do jornalista fica mais próximo do torcedor, o que pode gerar *feedbacks* positivos e negativos. O feedback positivo é a relação que se cria entre emissor e receptor, um exemplo de ferramenta utilizada é o Facebook, onde alguns jornalistas levantam questões de opiniões de torcedores, enquetes, números de curtidas e etc... Esse é o tipo de interação saudável, que agrega mais ao trabalho do jornalismo, porém também há aqueles que usam essas redes para criticar e ofender os jornalistas, já que na web eles não precisam aparecer fisicamente, felizmente estes insultos que acontecem não ultrapassam o limite entre o virtual e o real.

Por fim concluo de forma geral que através desta pesquisa e mensurando os dados propostos chega-se ao seguinte resultado: a imparcialidade no futebol deve continuar a existir dentro das funções de jornalista e nos veículos de comunicação dentro do jornalismo esportivo. A informação de que tal jornalista ou torce ou deixa torcer para tal time é irrelevante, jornalista que torce “distorce” a informação, e essa atitude quebra um dos compromissos do jornalismo, que é manter a integridade e a verdade sempre. Todo trabalhador tem que saber ser profissional dentro de sua área, o jornalista não é diferente, saber escutar as duas versões da história, checar, analisar, aprofundar-se a determinado tema, tudo isso são funções de um jornalista. A subjetividade da informação existe, contudo ela não se sobressai a objetividade jornalística.

Referências

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual do radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2003.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual do telejornalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

COELHO, Paulo. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2013.

CORSSETTI, Mariana. Padrão Globo de Jornalismo. **Famecos**, Porto Alegre, Ano 15, n.24, 2010/2, p. 63-71. Disponível em : <<http://univirtus-277877701.sa-east-1.elb.amazonaws.com/ava/repositorio/SistemaRepositorioPublico?id=JcbQ9MzjileoVGF47aHO9rBR>

bKE8/f/KSgNr9qnShJtmNqr1gUab7+yZT5DDcBRX1Azpb18h3M1Sc+to6ALbKg==>. Acesso em 21/09/17.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**, para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Ed. Insular, 2012.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Ed. Trinta e Quatro, 2007.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **RBCS**, São Paulo, vol 25, nº73, junho/2010, p. 60-76. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcoc/v25n73/v25n73a04.pdf/>>. Acesso em: 21/09/17.

Anexos

Questionário

JORNALISMO: UM ESTUDO A RESPEITO DA IMPARCIALIDADE NA ÁREA ESPORTIVA EM CURITIBA

- 1- A respeito da própria opinião, para você (entrevistado), a questão da imparcialidade no jornalismo esportivo é um tabu? Pessoalmente qual a sua posição em relação a expor ou não preferência por algum clube?
- 2- Com o advento da web se torna mais difícil a missão do jornalista em trabalhar com a imparcialidade?
- 3- Já houve algum momento em que a sua integridade jornalística foi questionada por terceiros a ponto de sofrer represália ou violência? (Ex. “Aquele jornalista falou isso porque ele torce pra tal time”).
- 4- O jornalista Heródoto Barbeiro no livro “Manual do Radiojornalismo” explica que patriotismos em eventos mundiais não agregam muito a informação e que devem ser evitados. No futebol há uma disputa entre clubes de diferentes estados e cidades, para conquistar títulos e a presença nas competições internacionais. Nesse caso que a disputa é nacional envolvendo estados diferentes, o jornalista pode ou não “torcer” para as equipes locais? Isso implica na credibilidade da informação?
- 5- Com relação aos veículos de comunicação de abrangência nacional, você acredita que há parcialidade na informação, quando a notícia envolve equipes com poder aquisitivo elevado?

Entrevistados

Monique Vilela – Jornalista e repórter setorista



(Crédito: Arquivo pessoal de Monique Vilela)

Jairo Júnior – Jornalista e repórter setorista



(Crédito: Reprodução Rádio Transamérica Curitiba)

Ayrton Babbista – Jornalista e blogueiro



(Crédito: Reprodução Programa Conversa de Buteco)

Cristian Toledo – Jornalista e Comentarista



(Crédito: Reprodução G1/Globo.com)